

O BEIJA-FLOR.

JORNAL NOTICIOSO E RECREATIVO.

REDACTORES : diversos.

Anno I.

Publica-se quinzenalmente aos domingos.

Domingo 16 de Fevereiro de 1868.

N. 7.

O BEIJA-FLOR.

Desterro, 16 de Fevereiro de 1868.



OM este numero acaba o nosso jornalsinho o — Beija-Flôr — o seu primeiro trimestre.

A carreira dos seus tres mezes, se algumas vezes precisou que o nosso espirito se encorajasse no fogo da resignação, para desta sorte poder vencer os seus tamanhos embarracos — tambem deveo, e muito o complemento dos seus passos vacillantes e debers, ao distincto numero dos seus assignantes, que por nenhum modo lhe queriam ver interrompida no esforço comecado.

E' assim, protegendo-se, e se animando a mocidade que experimenta no espaço da litteratura seos vôos tão cheios de vontade, que vós protectores das letras patrias, podeis esperar alguma couza dos que tomarão este jornalsinho para em suas columnas reflectirem as vivas crenças de su'alma, q' apenas tem o thesouro de uma esperanza, que lhe parece nunca morrerá.

Fazemos votos pois, para que tão augusta missão encontre sempre em nós o enthusiasmo e vontade que até aqui tem servido de muito, no desempenho dos nossos esforços.

E, como desde os seus primeiros numeros o presente *Beija-Flôr* tem sido sempre aceito e protegido pelos seos tão benevolos assignantes, seria de certo ingratitude de nossa parte, se do intimo d'alma não agradecemos, como

agora o fazemos, á esses Senhores, que se empenharam tanto e ainda hoje se empenhao pela continuação dos nossos trabalhos.

O espirito não nasce sabendo; não é só de um passo que elle proclama a sua victoria e entra satisfeito no magestoso templo da sua perfeição; e está verdade, é o trabalho preciso para se attingir à tão alto ponto que nos anima, e engrandece a vontade n'esse procurar constante da luz e da belleza — flôr que se abrirá para nós.

O *Beija-Flôr* tem cada vez mais viva a sua crença no trabalho; ainda conserva os sentimentos puros e sublimes, como a vontade que lhe fez adajar por entre os seus amadores, e nós que derramamos nas suas azas o espirito das nossas crenças, e queremos, não obstante nada na litteratura, com o desejo apenas de instrução esvoacar tambem com elle no meio de vós, não é justo q' mereçamos a vossa benevolencia? sem duvida: os conhecimentos vem mais tarde depois do estudo e da meditação, a mocidade hoje estuda, e a meditação coroará um dia seus esforços.

O trabalho, eis o que guarda o brilho dessa formosura, q' a todo momento nos apparece na estrada que seguimos. Poderdesmos nós com este orgão dos sentimentos do progresso, patentearmos profundos conhecimentos litterarios; poderdesmos ser estrellas rutilantes do paiz, a que pertencemos, um brado constante seria o nosso para que os andrjos torpes da ignorancia jámais viessem se mostrar entre nós, e então não se ver senão a luz resplandecente dos filhos do trabalho.

A' perfeição... porém o que dizemos? uma nuvem, que ainda trabalhamos por dissipar não está de todo vencida; talvez venha ella causar uma suspensão deste jornalsinho, porém se tal se dêr, será momentaneo, porque no coração dos jovens que tem sobre si o encargo desta publicação se alimenta ainda muita esperança.

Noticiario.

Nobre lembrança. — Consta-nos que alguns dos nossos jovens patricios e o Illm. Sr. José Guilherme da Costa e sua Senhora, possuidos de sentimentos pios e religiosos, pretendem dar hoje um espectáculo no theatro de S. Pedro, cujo producto será applicado á capella de N. S. do Parto.

Sendo este espectáculo para um fim tão santo, é de esperar, que a concurrencia seja numerosa.

Resposta sobrenatural. — Um menino celebre por seu espirito precoce foi levado á presença de um bispo, que lhe perguntou :

— Dizei-me, meu amiguinho, onde está Deus, que eu vos darei uma laranja.

— Dizei-me v. revm. onde elle não está que eu vos darei duas, respondeu o menino.

O imperio do talento. — Zeuxis, famoso pintor grego, tinha representado uvas em uma cesta, com tal arte, que os passaros vinhão picar os cachos pintados. Suppunha não ter rival; porém indo um dia á casa de Parrhasius, escultor e tambem pintor, e achando-se em frente de um quadro apparentemente coberto com um estofa á guisa de cortina, lhe disse :

— Tire esta cortina que quero vêr o seu chefe d'obra.

A cortina era o mesmo quadro.

— Estou vencido, exclamou elle, pois que eu apenas illudi os passaros, e Parrhasius enganou-me a mim mesmo.



POESIAS

Quem és ?

Quem és ? Não sei. — Estremeco:

Comprime-se o coração,

Desvaira a mente, inlouvece

Si acaso o pergunto... E em vão.

Em vão mil vezes o indago

Ao céu, á terra, ao meu peito

Que se dilata... Divago

Pelos espaços sem fim

D'esta incerteza que macta,

E sempre em vão, sempre assim

Neste desejo vehemente

De vir a saber, ingrata,

Quem és, quem és, que me foges;

Que me desvairs a mente !...

Em vão ! — Palpita-me o peito,

Pullula o sangue nas veias,

Arqueja no espaço estreito

O coração que te adora,

Sempre em vão, em que o não creias,

Em que me fujas á vista,

Phantasma, archanjo, ou mulher !...

Não sei quem és, seductora :

E est'alma descrente chora

Prancto de fel, que a correr

As chagas do peito irrorá

Num infernal padecer.

Não sei quem és... — Que loucura.

Amar um ente ideal,

A idéa que me tortura,

Um sonho infundo, fatal !...

Mas sou um louco, mulher;

Cem vezes t'o-hei repetido,

E t'o-repito ind'agora...

Não sabe est'alma o que quer,

Que anhelos tenha nutrido,

E que amarguras devora !

Que triste é viver assim

Neste velar duvidoso,

Por noites longas, sem fim.

De soffrimentos, de gozo !...

Lacera o peito, é cruel

Amar-te e morrer de amores,

E não saber quem tu és;

Não te-encontrar um momento

Quando me-fervem as dores,

Para lançar-me a teus pés.

Para no excesso violento

Da dor que me-há de mactar,

Morrer mais breve... — Quem és ?

Vem ao luar, ao relento,

As brandas fôrmas mostrar

Em desalinho, um momento,

E que tu eu possa tocar...

Quem és ? — Não sei eu si existes;

E as noites, passam-me tristes

Entre vigilia e modorra :

Si és uma larva, um phantasma

A cuja vista se-pasma

E pára o sangue nas veias...

Oh! deixa que ao ver-te eu morra!...
 Si es uma fada que a noite
 Córres nas brancas areias
 Das praias do escuro mar,
 Si quando ao luar passeias
 E espalhas philtros pelo ar,
 A morto também espalhas...
 Oh! dá que inda assim te eu veja,
 E pelo mar, que brayeja
 Contra o costão que negreja,
 Sejam-me as ondas mortalthas...

Anjo, ou phantasma, não vives
 Sinão na longa vigilia
 D'este sonhar duvidoso,
 No sobresalto afanoso
 Que a vida gasta... — Marilha,
 Tu es um nome somente,
 E eu sou um louco, um descrente.

Ed. Nunes.

Era o meu anjo.

Era o meu anjo... como o sol fulgura
 Que luz nos prados se derrama agora!...
 Era o meu anjo... que venturas n'alma,
 Que tanta vida, que brilhar dest'hora!...

Era o meu anjo... no sorriso o vi,
 O vi nas graças do gentil semblante,
 Era o meu anjo... que feições de fada...
 Que fada linda, que encantar constante...

Era o meu anjo... meu soffrer adeus
 Adeus pesares, eu me rio agora...
 Era o meu anjo... que ventura a minha!..
 Que noite escura me dissipa a aurora!...

Eu vi as vestes como a flôr de noiva,
 Formosa — a trança, delirando eu vi.

Ai! minha mente que ventura a tua,
 Por ver-te aleg re que praser senti!...

Era teu dia — suspirar amargo,
 A noite — um transe, teu sonhar — soffrer,
 Era teu peito — revoltar de magoas
 De magoas densas, que não são viver.

Agora tudo se mudou na vida,
 Perfume e crença te embalsama agora,
 Ouve, minh'alma, que paixão sublime!
 Que tanta vida! que mansão nest'hora!...

1864.

Silvio Pellico.

A' Ella...

Meo coração de poeta,
 Não pôde ser desleal:
 Aquella a quem tanto adoro,
 Eu não posso dar rival.

Não me chames mais ingrato,
 Não augmentes o meo mal:
 Socega, mulher formosa,
 Que não tens, não tens rival!

Sempre tive por divisa,
 O ser — constante e leal:
 Descança, virgem querida,
 Que não tens, não tens rival!

De que sou firme e constante
 Conhecerás afinal:
 Não scismes, gentil donzella,
 Que não tens, não tens rival!

Ah! não nutras em teu peito,
 Uma desconfiança tal:
 Eu te juro moreninha,
 Que não tens, não tens rival!

O. C.

FOLHETIM.

SOFRONIMO E THEMIRA (HISTORIA GREGA.)

(Continuação do n. 6.)

Levarão logo a estatua para o navio, e se prepararão para partir. Sofronimo porém não quiz deixar a sua cabana, sem primeiro dar um signal de agradecimento ás divindades campestres. No mesmo altar, em que tinha a sua estatua, deixou os seus instrumentos de esculptura, e os dedicou ao deus Pan. Depois beijando respeitosamente a entrada da porta, lhe prometteu de vir acabar neste asylo o resto dos seus dias, se lhe fosse negado pelos destinos o poder viver para sempre com Themira. Acabada esta saudosa cerimonia, disse o seu ultimo adeus á toda a ilha e partirão ambos para Mileto.

A viagem foi de pouco tempo, e felizmente

para Themira, que não lhe queria revelar a sua paixão, antes de ver seu pai em liberdade. Se tivesse sido mais dilatada, talvez que Sofronimo conhecesse que era amado, antes de o ter merecido: mas a prudencia de Themira, o respeito de seu amante, e mais que tudo os ventos favoraveis não derão tempo a esta declaração tão suspirada.

O nome de Sofronimo causou uma alegria universal em Mileto. O povo, que o amava, ajuntou-se para o ver; e decidiu que a estatua não precisava ser examinada: em consequencia disto foi logo levada ao altar. Todo o mundo corria ao templo entoando hymnos de alegria; sómente Themira assustada, acompanhava Sofronimo, que levava a estatua coberta, e que a foi pôr sobre o altar em um ar modesto, porem não tímido.

O assombro e o contentamento foi universal, quando todos virão que a estatua não cahio, mas antes parecia que por si mesma se queria firmar sobre o altar. Um clamor geral

Imitação de Byron.

Then give me all I ever ask'd — a tear !
(Byron).

Ocullo vive na minh'alma ainda
Solitario, perdido o meu segredo ;
Mas si te eu fallô, o coração palpita
Quasi a estalar de dor, e eu tenho medo.

Qual luz de mortos, arde nelle a chamma
Duvidosa, eternal, mas sempre occulta,
E o desespero que me-fei ve n'alma
Nas trevas da descrença a não sepulta.

De mim te lembra... — A minha lousa nunca
Tu passes sem deixar-me um pensamento:
Si ha dor no mundo que eu receie — fora
Lançares-me sem dô no esquecimento.

Escuta pois meus derradeiros cantos,
Não m'os deixes passar na indifferença....
Seja do amor que te votei tão grande
Uma lagrima só a recompensa !

Ed. Nunes.

A' Mariquinhas.

O' Mariquinhas,	Que sobranceira
Como és formosa !	Tão bem lançada ;
Como se torna	Que tez morena-
ba côr da rosa	Tão bem rezada ;
A face tua	Que linda palpebra
Tão melindrosa !	Tão namorada !

Que voz tão doce,	Que cincturinha
Tão socegada !	Tão apertada ;
Que meigo accento	Que mão mimosa
Da voz pausada !	Tão bem lançada ;
Que voz dos sylphos	Que forma toda
Tão invejada !	Tão namorada !

pedio então que se lhe tirasse o véo, que a encobria ; e o povo todo assombrado xio nella as feições e o rosto de Themira, que o amoroso escultor tinha tomado por modelo da sua Venus. O retrato da sua amada estava tão profundamente gravado no seu coração, que ainda longe della tinha podido copial-a tanto ao natural.

A deusa satisfeita, e não ciosa por se ver retratada na formosura de Themira, accentou a offerta ; e declarou pela boca do seu grande sacerdote que o oráculo estava cumprido. Todos os cidadãos de Mileto se davão muitos parabens ; e ajuntando-se á roda de Sofronimo lhe pedirão em altas vozes, que escolhesse a sua recompensa.

— Eu peço, respondeu elle, que Aristeo seja livre, e fico pago.

No mesmo instante foi-se Luscar o velho á sua prisão, e Themira quiz ser a primeira em desatar os ferros á seu pai. Deo-lhe mil beijos e abraços, contou-lhe toda a sua historia, e

Que narizinho	Eis Mariquinhas
Tão delicado ;	Virgem formosa,
Que rubro labio	Do teu retrato
Tão ingrãçado ;	Casta e donosa
Que olhar tão meigo,	Principal fortaa
Tão namorado !	Tão graciosa.

Que lindos olhos	Eis Mariquinhas
Tão scintillantes ;	Tão adorada,
E que madeixas	Virgem dos sylphos
Tão ondeantes	Sempre beijada
D'esses cabellos	Minha esperança
Tão fluctuantes !	Em ti fundada !

Lucio Costa.

LOGOGRIPO.

Se primeira á quinta unires
Um possessivo acharás ;
Com prima, quarta e quinta
Homem siado verás.

Si quarta á prima juntares
Assim faz Armia bella ;
Quando com Jonio conversa
Debruçada na janella.

Agora, bondoso leitor,
Se nome proprio ver queres,
Junta a quarta co'a terceira
E o verás entre mulheres.

A prima juntando á terciã
De amor as armas terás ;
A quinta á segunda unida
Entre pintores verás.

Junta mais a quarta á quinta
Que verás, qual caminhante,
Dia e noite deslisando-se
Em seu leito sussurrante.

Conceito não dou-te,
Querido leitor,
Só basta dizer-te
Que sou escriptor.

C. & P.

TYPOGRAPHIA DO MERCANTIL.

disse-lhe que Sofronimo era a causa... A esta palavra exclamou Aristeo :

— Onde está o meu libertador ?

Mas apenas o vê, corre á elle, aperta-o estreitamente nos seus braços, e com as faces banhadas em lagrimas, fallalhe desta sorte :

— Meu amigo, eu tenho sido bastantemente criminoso ; porém Themira deve reparar todo o mal, que te causei.

Para confirmar a verdade destas expressões, pegou nas mãos dos dous amantes, e as uniu sobre as suas a vista de todo o povo. De toda a parte se ouvirão então vivas e applausos ; e Sofronimo e Themira foram direitos ao templo jurar fidelidade aos pés d'aquella mesma estatua, que era uma prova certa tanto da belleza de Themira, como do ardente amor de seu pai.

Fim.